CENTENÁRIO DE PIQUET CARNEIRO

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

A 27 de junho do corrente ano transcorreu o centenário do nascimento de Bernardo Piquet Carneiro.

É um nome que pertence a uma geração já extinta, mas predestinado a sobreviver, por sua vinculação a empreendimentos considerados pioneiros na luta, já quase centenária, pela vitalização do Nordeste.

Fluminense de nascimento, veio para o Ceará em 1897, aqui permanecendo por espaço de dezessete anos, tempo suficiente para se tornar cearense, não só porque aqui constituiu família, como também por sua estreita identificação com nossa terra e seus problemas.

Diplomado bacharel em ciências físicas e matemáticas, a 10 de junho de 1887, pela antiga Escola Central da Côrte (depois Escola Politécnica do Rio de Janeiro), fêz sua iniciação profissional no Rio Grande do Sul, na Estrada de Ferro de Pôrto Alegre a Uruguaiana, na qual exerceu sucessivamente as funções de condutor-técnico, chefe de secção, primeiro engenheiro e engenheiro-diretor. Transferido neste último pôsto, em abril de 1897, para a nossa Estrada de Ferro de Baturité, estava-lhe reservada a missão de reorganizar essa emprêsa e prepará-la para o arrendamento a particulares, como efetivamente ocorreu em maio de 1898.

Sua administração foi curta, porém profícua. Tendo encontrado dívidas superiores a dois mil contos de réis, Piquet Carneiro dedicou os primeiros meses à regularização das finanças, alheio a quaisquer conveniências de ordem subalterna. "Às qualidades de administrador competente e probo — escreveu Otávio Memória — deveu-se-lhe a salvação da mais importante artéria de transportes do Estado." Realizado o arrendamento, o antigo Diretor da "Baturité" haveria, contudo, de permanecer junto à mesma, como fiscal e representante do govêrno federal.

Nesse pôsto figurou até o ano de 1900, quando foi nomeado engenheiro-chefe da "Comissão do Açude de Quixadá", a qual daria origem à Inspetoria de Obras Contra as Sêcas, atual Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas. Era a segunda oportunidade que se lhe deparava para revelar a sua capacidade técnica e as suas aptidões de administrador em obras estreitamente ligadas ao desenvolvimento econômico do Nordeste.

No novo cargo, naquele ano de sêca, cumpria-lhe não só prosseguir a construção do açude de Quixadá, como também iniciar a de mais outros quatro, para dar sustento às famílias flageladas. Foram êles: o açude do Riachão do Panta, no município de Baturité; o de Acaraú-mirim, em Santana do Acaraú; o Papara, em Maranguape, e o Jordão, em Sobral, êstes dois últimos pràticamente concluídos no ano seguinte (1901).

Tal multiplicidade de obras importava numa ampliação dos encargos da primitiva "Comissão do Açude de Quixadá", a qual, a partir de 1904, passou a denominar-se "Comissão de Açudes e Irrigação", sob a mesma chefia de Piquet Carneiro.

Coube-lhe, assim, organizar o plano de irrigação do açude de Quixadá e projetar a respectiva rêde de canais, destinada a beneficiar inicialmente 1.030 hectares de terras agricultáveis, localizadas a jusante da grande barragem. Foi a primeira obra dêsse gênero levada a efeito no Brasil, tendo cabido àquele engenheiro não só projetá-la como também realizá-la "com meticuloso apuro técnico". No quinquênio de 1900-1904 construiu nada menos de 19.700 metros de canais de alvenaria e 14.710 metros de valetas para distribuição da água nos terrenos irrigáveis.

A construção da barragem prosseguiu em ritmo normal até seu completo acabamento em 1906. Nesse ano, foi o "Quixadá" visitado pelo Conselheiro Afonso Pena, então Presidente da República, que trazia como assessor técnico o engenheiro Aarão Reis. Inspirado, talvez, pela reconhecida má vontade dêste profissional, o Presidente teve palavras de condenação para o que qualificou de "desperdício dos dinheiros públicos", referindo-se ao esmêro e à meticulosidade técnica no acabamento do soberbo reservatório, honra e orgulho da engenharia nacional. Esta opinião passaria à História para testificar que os homens sisudos e responsáveis têm também os seus cochilos de leviandade. A referência desairosa não fôra dirigida a Piquet Carneiro, nem lhe poderia atingir de modo algum. Sua reconhecida probidade tocava às raias do exagêro quando se tratava de bens e dinheiros públicos. Na prestação de contas das despesas extraordinárias com a visita do Chefe da Nação, não se limitou a comprovar as aquisições realizadas. Mandou vender em leilão tudo quanto sobra-

ra da hospedagem — guarnições, louças, conservas e dizem que até mesmo os palitos — deduzindo da quantia inicialmente despendida o produto dessa venda. Êste episódio, hoje quase anedótico, não foi premeditado para desmentir a impressão de Afonso Pena. Fôra mesmo inspirado na índole e no feitio moral daquele engenheiro, cuja exação e integridade haveriam de se tornar proverbiais.

A frase lastimável do Presidente da República não foi, todavia, a única condenação lançada contra o famoso açude. Anteriormente, o engenheiro João Felipe Pereira, cearense, professor de Hidráulica da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, havia formulado uma série de objeções acêrca da sua localização, bacia hidrográfica, área irrigável. etc. Embora nada lhe fôsse imputado no bôjo dessas increpações, Piquet Carneiro saiu a campo em defesa da obra que lhe havia sido confiada, tendo publicado vários artigos na imprensa de Fortaleza e do Rio, depois reunidos numa monografia.

A existência cinqüentenária do açude de Quixadá, seu comportamento através de uma série de bons e maus anos, acabou por dar razão ao intimorato defensor. Se o tempo confirmou algumas das apontadas deficiências, já não poderão elas ser invocadas para a condenação de uma obra que tantos benefícios tem proporcionado a um município que sobrevive e prospera em função daquele manancial.

Concluída essa obra pioneira, tratou o Chefe da Comissão de Açudes e Irrigação de alargar as atividades dessa autarquia, atendendo a que a reforma de 1906 estendera seu campo de ação a todo o Estado do Ceará e também ao Rio Grande do Norte.

Iniciou essa nova fase organizando um regulamento em que ficaram definidas as finalidades e atribuições da Comissão, inclusive sua cooperação técnica no estudo e construção de açudes particulares. Inovação feliz, inspirada pelo próprio Piquet Carneiro, essa cooperação ampliou-se e difundiu-se largamente, de então para cá, produzindo ainda agora os mais benéficos resultados.

Dêsse trabalho de gabinete, partiu para uma excursão pelo interior do Ceará e Rio Grande, tendo transmitido suas observações aos podêres competentes, numa longa carta-relatório em que sugeria uma série de medidas executáveis pela Comissão.

A seu ver, o corretivo das deficiências naturais do Nordeste consistia na grande açudagem para irrigação; na açudagem particular para fortalecimento da propriedade rural; no aproveitamento do lençol freático por meio de barragens submersas, e, com certo cunho de originalidade, na difusão de culturas xerófilas, notadamente algodão e carnaúba, e na estrita subordinação da lavoura e pecuária às peculiaridades edáficas da região.

Quanto aos serviços técnicos, datam dessa época os estudos dos açudes de Quixeramobim, do Poti (Crateús), Santo Antônio de Rus-

sas, Tucunduba (Santana do Acaraú) e mais seis outros de menor porte. No Rio Grande do Norte foram estudados o Gargalheira, o Cruzeta e o Pata-choca e mais onze reservatórios, todos projetados sob a assistência direta do Chefe, tendo, para isso, transferido temporàriamente a sede da Comissão para a cidade de Natal.

A êste apreciável acervo de trabalho, realizado em curso espaço de tempo, seguiu-se o inicio da construção do açude Acarape-do-Meio, obra de capital importância, cujo projeto fôra também por êle organizado. Para dirigir os serviços diretamente, trouxe seu escritório de Natal para Maranguape, onde também passaram a trabalhar os engenheiros-ajudantes Tomás Pompeu Sobrinho e José Aires de Sousa, aos quais se devem a construção do Acaraú-mirim (1907) e outros serviços técnicos já referidos.

A gestão de Piquet Carneiro à frente das obras contra as sêcas estendeu-se por nove anos, até 1909. Foi êle, històricamente, o primeiro chefe dessas obras, se considerarmos que da primitiva Comissão do Açude de Quixadá é que surgiu, através de sucessivas etapas de desenvolvimento, o atual Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas. A êle coube levar a cabo a construção do primeiro grande açude público do Nordeste, e coube também dar estrutura e regulamento à mencionada repartição, no seu nascedouro, marcando sua presença ali com os sinais inconfundíveis e inapagáveis de sua personalidade, como técnico e como administrador.

Em setembro de 1909, quando nova reforma iria assinalar a transformação da "Comissão" em "Inspetoria", ocorreu o seu afastamento da chefia, passando a exercer sua atividade noutro departamento dos serviços públicos federais no Ceará.

Fôra, efetivamente, nomeado Chefe do 1º Distrito de Fiscalização das Estradas de Ferro, com jurisdição nos Estados do Nordeste e com sede em Fortaleza. Nesse tempo, o arrendamento da "Baturité" já havia sido transferido ao sindicato inglês South American Railway Construction Co. Ltd. Sôbre a atuação de Piquet Carneiro nesse período, escreveu Otávio Memória, o cronista da nossa ferrovia: "Tornaram-se memoráveis as divergências suscitadas entre o enérgico profissional, que timbrava em não ceder uma linha no cumprimento do dever, e os representantes da Companhia que, relapsos no mau vêzo de práticas pouco decorosas, contrapunham ao Fiscal do govêrno tôda sorte de sofismas ou evasivas, quando procuravam cercear a ação de quem lhes obstava a contumácia."

Nesse pôsto permaneceu até 1914, ano em que deixou definitivamente o Ceará, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde iria prestar serviços na sede da Inspetoria Federal de Estradas. Foi por algum tempo o representante dessa entidade junto à Rêde Sul-Mineira de Viação, tendo requerido aposentadoria em 1921, após trinta e sete

anos de bons serviços prestados à Nação. Assim se encerrava a vida afanosa dêsse profissional **sans peur et sans reproche.**

Às qualidades de técnico competente e meticuloso, aliava as de administrador severo e probo. Não foi em vão que epigrafara um dos seus escritos com a legenda — "o fim supremo da vida não é a satisfação dos desejos, é o cumprimento do dever".

Como técnico, não se contentava apenas em construir e dirigir. Sobrava-lhe espírito público para sugerir ao govêrno providências relativas ao bem comum, na órbita de suas atividades, e para discordar corajosamente de tudo quanto ferisse os interêsses nacionais. Discordou pùblicamente da "feição política dada aos negócios do Ministério da Viação", e protestou nas ocasiões em que "foi a causa dos Flagelados sacrificada a interêsses particulares inconfessáveis e os dinheiros públicos da Comissão desviados para servir àqueles interêsses e aos da política local". Para êle, "o govêrno não é mais do que o procurador da Nação, e Nação pobre".

Seu trabalho intitulado "A classe de engenharia civil e a situação política do País" é uma mensagem de sabedoria e patriotismo, fruto da experiência colhida no trato dos serviços públicos de natureza técnica. Mas é também, sem intenções partidárias ou demolidoras, um libelo contra o descalabro então reinante na gestão daqueles serviços.

Não era, entretanto, um pessimista nem um misantropo, pois acreditava nos recursos da terra, nas virtualidades do povo, especialmente do nordestino, e na capacidade profissional das elites.

Noutro opúsculo, "Em defesa dos Flagelados do Norte", embora elaborado para contestar as já referidas restrições contra o açude de Quixadá, manifesta o seu descortino e espírito construtivo, pugnando pela sistematização e continuidade das providências clássicas no combate às sêcas. Revelando conhecimentos exatos do meio cearense, aconselha na aludida monografia uma série de iniciativas de ordem privada, visando à estabilidade e fortalecimento da família sertaneja mediante a utilização racional de recursos a seu alcance e a observância de medidas acauteladoras contra os maus tempos.

Homem do sul, sempre situou a questão do Nordeste na categoria de problema nacional, assim se expressando em 1911: "Os futuros govêrnos tenham constantemente em vista que a prosperidade do País e seu equilíbrio financeiro não dependem sòmente da valorização do café, dos processos aperfeiçoados da cultura da cana, da penetração das estradas de ferro, etc., mas também e muito da solução do problema do Nordeste." E, completando o seu pensamento: "Sentimo-nos feliz em têrmos hoje o nosso destino ligado ao dos corajosos e resignados filhos da terra de Tibúrcio; e, se trememos às vêzes pelas in-

certezas que nos esperam, não é tanto pelas agruras do clima, como pelo abandono em que nos achamos."

Nesta área imensa do Nordeste em que se manifestaram as aptidões científicas, os atributos morais e os sentimentos afetivos dêsse grande brasileiro, existe uma nesga de chão que foi, a bem dizer, o alvo de suas predileções. Refiro-me ao município de Quixadá, terra que, segundo escreveu, "deveria ser o refúgio dos homens de coração bem formado e dos que amassem a Deus pela contemplação da natureza."

Piquet Carneiro era, realmente, um enamorado das belezas naturais e agrestes daquele rincão: "em parte alguma encontrei terreno de aspecto tão grandioso como o do vale do Sitiá."

Concorriam, para tanto, razões de ordem sentimental, pois já se disse que o coração tem também as suas razões. Ali constituiu família, convolando segundas núpcias com uma senhora da mais importante estirpe do lugar; ali nasceram os primeiros rebentos dêsse enlace feliz, hoje cidadãos ilustres e prestantes; ali cultivou amizades generosas, não só entre pessoas de seu **status** social, como entre humildes trabalhadores do Açude, modestos auxiliares de sua obra, os quais certa vez qualificou de "meus melhores companheiros na vida."

Apesar de ligado ao Positivismo então dominante no seio de sua classe, foi o Doutor Piquet que possibilitou a construção da capela de São José, no distrito de Custódio, doando-lhe patrimônio territorial. Foi êle quem em 1905 importou os primeiros reprodutores, da raça garonêsa, para a melhoria dos rebanhos do Município, e sugeriu a utilização de máquinas no cultivo dos campos, insurgindo-se contra o emprêgo desordenado do fogo e do machado.

Não sòmente Quixadá, como todo o Ceará, têm uma grande dívida a saldar para com êsse intemerato lutador desaparecido pela morte, a 31 de outubro de 1936. Dívida, sobretudo, de compreensão, de solidariedade, de dom de si mesmo. Dívida que se há de pagar na mesma moeda, honrando-lhe a memória e cultuando os seus feitos.

BIBLIOGRAFIA DO ENGENHEIRO PIQUET CARNEIRO

Além de vários trabalhos técnicos e informativos publicados na imprensa de Fortaleza e do Rio de Janeiro, o eng. Bernardo Piquet Carneiro deu a lume as seguintes monografias:

1 — **As Sêcas do Norte — Fortaleza, 1904;**
2 — **Projeto do açude Acarape-do-Meio e memória justificativa** — Publicação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas;

3 — **Memórias e projetos de açudes estudados e elaborados pelas comissões do "Açude do Quixadá" e de "Açudes e Irrigação"** — Publicação da I. F. O. C. S. — 1910;

4 — **Em defesa dos Flagelados do Norte** (Obras federais nos Estados) — Fortaleza, 1911;

5 — **Serviços Federais na zona sêca do Norte** — Rio de Janeiro, 1914;

6 — **A classe de engenharia civil no regime republicano e a situação política do País** — Rio de Janeiro, 1921.

7 — **O Nordeste** — Memorial justificativo de providências complementares das que se acham em execução pela I.F.O.C.S. — Rio de Janeiro, 1936.